

# A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO EM “CASA VELHA”, DE MACHADO DE ASSIS

Luzia Aparecida Oliva dos Santos<sup>1</sup>  
Fernanda Angeli<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar uma análise literária do conto “Casa Velha”, de Machado de Assis. O foco principal da pesquisa é o espaço e sua relação com os demais elementos que compõem a obra. Apresentaremos a relação entre a casa velha e a personagem Dona Antônia, que, em alguns momentos da narrativa, parece ser uma extensão da própria residência. Será exposta também, a ligação entre ficção e História presente no conto e como o autor construiu a sua crítica à sociedade patriarcal e tradicionalista do período do Brasil Regencial.

**Palavras-chave:** “casa velha”, espaço, ficção e história e machado de assis.

### “Casa Velha”<sup>3</sup>: ficção *versus* História

Publicado, inicialmente, em forma de folhetim na revista carioca *A Estação*, entre os anos de 1885 e 1886, “Casa Velha”, de Machado de Assis, gera dúvidas acerca de seu estilo, além de retratar uma crítica à sociedade carioca tradicionalista e abordar um possível caso de incesto. A crítica Lúcia Miguel Pereira, motivada pelo estudo da biografia de Machado, reedita e publica a obra no ano de 1944.

A narrativa foi compilada juntamente com outros contos em *Obra completa*, da editora Nova Aguilar. Críticos literários divergem suas opiniões na hora de enquadrá-la em um gênero narrativo. O crítico inglês John Gledson (2003) afirma que “Casa Velha” foi “erroneamente batizado de conto ao ser incluído na *Obra Completa* e que, sem maiores cerimônias, deveria ser reclassificado como romance” (p. 21).

---

<sup>1</sup> Professora adjunta do Departamento de Letras UNEMAT – *Campus* Universitário de Sinop. Pesquisadora CNPq. E-mail: olisant.42@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Letras pela UNEMAT – *Campus* Universitário de Sinop.

<sup>3</sup> Por se tratar de uma obra que possui o seu título homônimo ao espaço físico, faz-se necessário o esclarecimento de alguns termos utilizados para que não sejam feitas confusões. Para tanto, ressaltamos que quando grafamos “Casa Velha” estamos nos referindo á obra, e quando passamos a escrever casa velha, apenas com letras minúsculas, fazemos referência ao espaço físico em que a narrativa se desenvolve.

“Casa Velha” é uma obra pouco estudada pela crítica literária e faz parte da fase romântica do autor, considerada ingênua pela crítica, pois “o seu resultado literário inicialmente era ruim, pois dava a palavra ao atraso histórico do Brasil, cujo efeito, enquanto não se produzia um distanciamento analítico qualquer, que o abrisse e ventilasse, só podia ser o provincianismo” (SCHWARZ, 2000, p. 86).

Narrada em primeira pessoa, sob o olhar atento de um padre pesquisador, a história de “Casa Velha” se passa no ano de 1839 e relata o amor entre Félix e Lalau, dois jovens de classes sociais muito distintas, que não podem ficar juntos devido às diferenças. Numa primeira leitura, o enredo de “Casa Velha” mostra-se simples e romanesco, porém, o leitor atento é capaz de perceber que, por trás desta trama ingênua, há um universo de significações.

A trama de “Casa Velha” foi muito bem amarrada à História do Brasil do período Regencial. Sendo assim, percebe-se que algumas personagens são portadoras de significações simbólicas e algumas delas possuem características muito estreitas com fatos e personagens históricos. A respeito das relações entre ficção e História, Santos (2005, p. 100) afirma: “a literatura resgata o fato e dá ao leitor a oportunidade de repensar o que o discurso oficial cristalizou”.

A narrativa ocorre durante dois marcantes eventos históricos, são eles: o Primeiro Reinado, quando o pai de Félix ainda era ministro e mantinha um caso extraconjugal com Benedita Soares, e o episódio da Maioridade de D. Pedro II. A partir da análise vertical feita por Gledson (2003), Félix e seu pai fazem parte desses dois momentos, o ex-ministro seria a representação do próprio D. Pedro I e seu filho, Pedro II.

As personagens Dona Antônia e Lalau também são construídas por uma alegoria<sup>4</sup>. A chefe da casa velha representa o sistema monárquico e patriarcal, pois mesmo sendo mulher, é ela quem administra a casa e tem forte influência sobre as decisões tomadas pelas outras personagens. Dona Antonia é a “Imperatriz” e casa velha é seu “Império”. Deve-se ressaltar que, quando a narrativa transpõe a responsabilidade de chefe da família a Dona Antônia, não está rompendo com a estrutura patriarcal da sociedade da época. O que o autor faz é reafirmar o despotismo do sistema quando este se encontra ameaçado. Transferir o poder patriarcal para uma mulher é, portanto, uma

---

<sup>4</sup> A alegoria é um termo frequentemente usado na literatura e representa uma figura de linguagem que apresenta “o discurso acerca de uma coisa para fazer compreender outra” (MOISÉS, 2004, p. 14).

forma de renovação das estruturas sociais. Em “Casa Velha”, a ausência da figura paterna faz a matriarca tornar-se autoritária e até mesmo chegar a consequências extremistas, como no caso do incesto sugerido por Dona Antônia, uma forma de afastar o seu filho de um casamento não convencional aos olhos da sociedade.

Lalau, a protagonista da obra, nasceu no ano de 1822, ano da Independência do Brasil e ficou órfã em 1831, ano que marca o fim do Primeiro Reinado. A mocinha é a personagem que mais se contrapõe ao cenário tradicionalista da obra, pois, além de ter um espírito jovem e aventureiro, ela mantém relações com as classes mais inferiores. Esta característica pode ser percebida no seu relacionamento com o Gira, um velho escravo da família: “Lalau era a única, entre todos, parentes, agregados ou fâmulos, que ia conversar com ele, interrogá-lo, escutá-lo, pedir-lhe histórias” (ASSIS, 2008, p. 112).

O senso de independência da menina e a forma como ela amadurece na narrativa também chamam a atenção do leitor. Nos primeiros momentos da história, a menina mostra-se uma típica personagem romântica, muito bela, educada, embora um tanto peralta. Conforme a narrativa vai se desenrolando, Lalau, que ora é vista como menina e ora como mulher aos olhos do narrador, adota uma atitude madura, e assume decisões incisivas, afinal é ela quem determina o inesperado final da obra.

A respeito das principais personagens da obra, podemos inferir que a partir das características de Lalau e Dona Antônia e de acordo com a definição de personagem elaborada por Brait (2004, p. 41), pode-se considerar essas duas como personagens complexas, uma vez que esse tipo de figura dramática apresenta “várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor”. Em contrapartida, Félix pode ser considerado uma personagem plana, pois o mesmo não apresenta evoluções durante a narrativa. As personagens planas, segundo Brait (2004, p. 41) “são construídas ao redor de uma única ideia ou qualidade. Geralmente, são definidas em poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que suas ações apenas confirmem a impressão de personagens estáticos, não reservando qualquer surpresa ao leitor”.

No desfecho da narrativa, a jovem mostra que prefere honrar a memória de sua mãe a ter que se casar com o homem que ama, cujo pai manchou a dignidade de sua família. Contrariando a todos, e até mesmo a vontade do padre-narrador, Lalau casa-se com Vitorino, um homem que possui a sua realidade social, uma vez que ela era filha de

um funcionário que cumpria uma ocupação mecânica na casa de Dona Antônia. Porém, o filho do segeiro e agora esposo de Lalau mostra-se muito inferior a educação que foi conferida à jovem.

Acerca dessas relações sociais, Roncari (2010, p. 36) afirma:

Machado procurou nesse livro retratar *na sua totalidade* as principais relações sociais vividas no país, só que agora isoladas no microcosmo de uma Casa Grande, como se faz nos laboratórios para a observação do comportamento animal e no teatro burguês para a dos humanos. Aí ele pôde apreciar a vida e o funcionamento de uma família patriarcal, extensa e com as suas duas faces imbricadas: a privada, do idílio familiar, e a pública, do poder de favores e violência social e política. Creio que seja daí que venha a sua grande força alegórica. (grifos do autor).

O espaço é um dos elementos de maior destaque da obra, e se Félix poderia ser a representação de D. Pedro II e seu pai D. Pedro I, a casa velha seria a reprodução do país. Uma nação tradicionalista que não visava o novo. Nas palavras de Roncari (2010, p. 36): “o foco do autor estava mais *no que permanecia* do que *no que mudava*; em outros termos, naquilo que, quanto mais velho ficava, o tempo, em vez de renovar, reafirmava” (grifos do autor).

O conto (ou romance para alguns críticos) apresenta marcas que o caracterizam como obra romântica, tais como: a idealização da personagem feminina, o romantismo de Félix, o sentimento que nutre a paixão dos dois jovens, com um adicional realista por meio da crítica às comunidades sociais da época.

### **O padre-narrador e o caso da *Storia Fiorentina*, de Varchi**

As obras de Machado de Assis são marcadas por duas distintas fases: romântica, ou período imaturo, e realista, também conhecida como fase madura do autor. Percebem-se nelas diferenças significativas na elaboração dos temas abordados, na construção das personagens e também do narrador.

Ao observarmos o narrador, temos que atentar que “Casa Velha” é iniciado por uma voz em terceira pessoa e esta apresenta o “velho cônego da Capela Imperial” (ASSIS, 2008, p. 77). A partir daí, a história começa a ser contada em primeira pessoa, sob os olhos observadores de um padre que não é nomeado. A história por ele contada

se passa no mês de abril de 1839. O narrador possui características que o tornam, segundo a tipologia de Friedman (1967), um narrador-testemunha.

Leite (2004, p. 37), ao estudar a tipologia elaborada pelo autor americano, afirma que o narrador-testemunha:

Narra em 1ª pessoa, mas é um “eu” já interno à narrativa, que vive os acontecimentos aí descritos como personagem secundária que pode observar, desde dentro, os acontecimentos, e, portanto, dá-los ao leitor de modo mais direto, mais verossímil. [...] No caso do “eu” como testemunha, o ângulo de visão é, necessariamente, mais limitado. Como personagem secundária, ele narra da periferia dos acontecimentos, não consegue saber o que se passa na cabeça dos outros, apenas pode inferir, lançar hipóteses, servindo-se também de informações, de coisas que viu ou ouviu, e, até mesmo de cartas ou documentos secretos que tenham ido cair em suas mãos.

Percebem-se tais características no trecho em que o padre encontra um bilhete entre os livros da biblioteca. O papel contém uma importante revelação que encaminhará para o desfecho da narrativa:

Entre os livros que folhee, procurando, achava-se um relatório manuscrito, que eu lera apenas em parte, não o tendo feito na que continha tão-somente a transcrição de documentos públicos. Pegando no livro pela lombada, e agitando-o para fazer cair a nota, se ali estivesse, vi que efetivamente caía um papelinho. Vinha dobrado, e vi logo que era por letra do ex-ministro. [...] Era um trecho de bilhete a alguma mulher, cujo nome não estava ali, e referia-se a uma criança, com palavras de tristeza. (ASSIS, 2008, p. 144).

O padre possui alguns aspectos que o caracterizam como uma personagem romântica, com características ambíguas em relação aos seus sentimentos. Cheio de segredos, em vários momentos da narrativa, ele se mostra apaixonado por Lalau, e a atração física que ele sente pela mocinha faz com que chegue a sentir ciúmes do amor que ela sente por Félix. Percebe-se a paixão do cônego no trecho a seguir, em que o relato é narrado em pequeno capítulo:

Já se terá entendido a realidade. Também eu amava a menina. Como era padre, e nada me fazia pensar em semelhante coisa, o amor insinuou-se-me no coração à maneira das cobras, e só lhe senti a presença pela dentada do ciúme. A confissão dele não me fez mal; a dela é que me doeu e me descobriu a mim mesmo. Deste modo, a

causa íntima da proteção que eu dava à pobre moça era, sem o saber, um sentimento especial. Onde eles viam um simples protetor gratuito existia um homem, que impedido de amar na terra, procurava ao menos fazê-la feliz com outro. A consciência vaga de um tal estado deu-me ainda mais força para tentar tudo. (ASSIS, 2008, p. 111).

A presença autoritária da igreja católica se faz presente na obra, como demonstrado no excerto a seguir:

Comecei os meus trabalhos de investigação três dias depois. Só então revelei a Monsenhor Queirós, meu velho mestre, o projeto que tinha de escrever uma história do Primeiro Reinado. E revelei-lho com o único fim de lhe contar as impressões que tive da Casa Velha, e confiar as minhas esperanças de algum achado de valor político. Monsenhor Queirós abanou a cabeça, desconsolado. Era um bom filho da Igreja, que me fez o que sou, menos a tendência política, apesar de que no tempo em que ele floresceu muitos servidores da Igreja também o eram do Estado. **Não aprovou a ideia; mas não gastou tempo em tentar dissuadir-me. “Contanto”, disse-me ele, “que você não prejudique sua mãe que é a Igreja. O Estado é um padrasto”** (grifos meus) (ASSIS, 2008, p. 85).

O caráter dúbio do padre-narrador abre espaço para questionamentos acerca da dessacralização de seus atos. Se por um lado ele se apaixona por Lalau, a ponto de sentir ciúmes dos sentimentos da menina, por outro, ele quer ver a felicidade da mulher que ama nos braços de outro homem. Acerca da dessacralização, Eliade (1992, p. 18) afirma que por mais que o “homem não religioso” renegue a “sacralidade do mundo” e assuma somente o comportamento profano, “o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso”. Partindo desse princípio, pode-se inferir que o padre, membro da instituição católica e homem religioso que acredita nos preceitos sacros, não assume somente a conduta religiosa, mas também um comportamento duvidoso aos olhos de sua instituição religiosa.

Outro momento relevante que confirma a atitude ambígua do narrador, diz respeito ao homossexualismo sutilmente abordado. O cônego anônimo fica muito amigo de Félix e ambos trocam confissões que ocorrem quase sempre na biblioteca da casa velha. Numa dessas amigáveis conversas, o narrador encontra entre os livros um exemplar da *Storia Fiorentina*, de Benedetto Varchi. A história presente no livro trata de um relato verdadeiro, o caso de estupro homossexual do bispo Fano, por Luigi de Farnese, filho do Papa Paulo III, nos meados do século XV.

Segundo Gledson (2003, p. 43), a exposição do fato remete ao acontecimento estranho na relação do vigário com Félix:

Parece provável que Machado esteja sugerindo algo tão malsão na relação entre o padre e Félix quanto existe no seu relacionamento com Lalau. Chamar a isso de estupro homossexual é, obviamente, exagerar (embora seja no mínimo, estranho, que Machado tenha introduzido aqui esse exemplo de uma erudição um tanto exótica), mas devemos entendê-lo em algum sentido metafórico.

Por ser um representante da igreja católica, o narrador possui algumas ações questionáveis. O fato de se interessar mais por política do que pela batina é uma delas. O fato dele expor um caso de estupro dentro de sua instituição religiosa, também é algo discutível. Mas, a que mais interfere na narrativa é a posição que assume diante do casal de enamorados, a forma como age, um dos elementos desencadeadores do final da obra.

### **O espaço físico e sua relação com os demais elementos da narrativa**

O espaço é um importante elemento a ser analisado em uma obra literária. Em determinadas narrativas, tem um papel tão determinante a ponto de influenciar a decisão tomada pelas personagens e, assim, contribuir para a mudança da trama.

A descrição da casa é bem arquitetada pelo narrador que a torna mais que um simples espaço. Para que possamos entender o presente estudo, faz-se necessária a utilização das contribuições de Bachelard (1978). Nessa obra, o autor faz uma análise do espaço físico literário a partir da simbologia da casa. O teórico afirma que,

Com a imagem da casa, temos um verdadeiro princípio de integração psicológica. Psicologia descritiva, psicologia das profundidades, psicanálise e fenomenologia poderiam, com a casa, constituir esse corpo de doutrinas que designamos sob o nome de topoanálise. Examinada nos horizontes teóricos mais diversos, parece que a imagem da casa se transforma na topografia de nosso ser íntimo. (BACHELARD, 1878, p. 196).

A casa, que intitula o conto e que tem o seu endereço ocultado pelo narrador, era uma construção do final do século XVIII e fora construída pelo avô de Dona Antônia: “era uma edificação sólida e vasta, gosto severo e nua de adornos” (ASSIS, 2008, p. 78), possuía uma pequena capela, onde os fiéis iam manifestar sua fé. A precisa

definição dos cômodos da casa é cuidadosamente elaborada. Num espaço à esquerda da capela da casa, por exemplo, estava o corpo do ex-ministro sepultado. De acordo com a simbologia, o lado esquerdo está relacionado ao passado, à morte. Esta marca mostra como o sistema patriarcal ainda impera naquela família, mesmo com a ausência física de seu chefe (Cf. CIRLOT, 1984).

A biblioteca é outro cômodo da casa que deve ser levado em consideração, uma vez que é ali que as confissões de Lalau ao padre acontecem. É também neste ambiente que se encontra o retrato do ex-ministro, descrito como dono de “um olhar inteligente”. De acordo com Roncari (2010, p. 36), a foto do político representa e reforça o sistema patriarcal, a classe social “senhorial dominante e a sua forte constituição hierárquica, os traços de caráter e as deformidades psicológicas de seus membros, um mundo regido pelos mortos, pelos retratos na parede”.

A casa velha possui características que interferem nas reações das personagens. Logo no início da trama, o padre confessa sentir-se “tolhido” com aquele ambiente monótono, e admite que “casa, hábitos, pessoas” davam-lhe “ares de outros tempos, exalavam um cheiro de vida clássica” (p. 80).

A obra tem como título o mesmo nome do espaço físico. Essa estratégia não pode ser considerada mera coincidência, uma vez que mesmo a casa tendo sido construída no fim do século XVIII, é atual e “viva” nos anos de 1838 e 1839, período em se passa a narrativa. O estilo colonial da casa velha leva o leitor a pensar que esta se situa em uma fazenda. No entanto, para a surpresa de muitos, a casa se encontra na cidade. O cônego, desde criança, conhecia sua fachada, e esta possuía dois portões: um para os empregados e outro para os residentes e amigos do local. De acordo com o dicionário de símbolos elaborado por Cirlot (1984, p. 141), a fachada de uma casa “significa o lado manifesto do homem, a personalidade, a máscara”. Esta ideia confirma o fato de a casa conservar o sistema patriarcal.

A fachada da casa velha possui representatividade no enredo da obra, conforme Roncari (2010, p. 36) aponta:

Um pequeno traço de sua fachada, que nos passa despercebido por nos ser muito familiar, é significativo bastante para ilustrar a força de sua permanência e pode simbolizar o verdadeiro tema da história da casa velha: a mudança da fachada e dos exteriores, que não abandona nunca os valores que forjaram as concepções interiores de seus membros, ou seja, as camadas profundas que organizam e orientam as

suas ações. Esses homens são portadores de uma mentalidade discriminatória, moldada por séculos de escravismo, que, por um lado, segmenta e segrega os homens e, por outro, desvirtua o impulso que poderia levá-los a sua superação, o da atração amorosa.

O espaço causa impacto na decisão tomada pelas personagens. Lalau, por exemplo, quando descobre a farsa inventada por Dona Antônia, decide casar-se com o filho do segeiro. O narrador não deixa a certeza de que a moça foi feliz ao lado de Vitorino, porém afirma que ela foi honesta. Diante disso, infere-se que a característica conservadora da casa velha exerce influência no desfecho da narrativa. A mentira de Dona Antônia também pode ter sido influenciada pela casa, uma vez que a viúva parece fundir-se com o espaço em alguns momentos da trama, como veremos a seguir.

### **A ligação da personagem Dona Antônia com a casa velha**

Pode-se perceber em “Casa Velha” uma relação entre a casa e a personagem de Dona Antônia. Ambas possuem as mesmas características conservadoras: Dona Antônia ali casou e teve seus filhos. Em alguns momentos, a personagem parece ser uma extensão do próprio domicílio. Um dos fatores que explicam essa relação é o fato de a senhora ter saído da casa pouquíssimas vezes.

Bachelard (1978, p. 227) explica a relação entre a casa e a figura materna. Esta se dá pelo fato de haver “uma comunhão de ternura, [...] uma comunhão de força, concentração de duas coragens, de duas resistências”. Assim sendo, a casa deixa de ser um simples espaço físico para se tornar um ambiente com características personificadas.

Dona Antônia e sua casa comungam das mesmas características, a matriarca da família toma decisões que ao longo da narrativa podem ter sido influenciadas pelo espaço físico. A sugestão de incesto por ela inventada é fator que mais evidencia tal suposição, pois a viúva mente para evitar a união de seu único filho com alguém de classe baixa. Essa decisão confirma o tradicionalismo ainda presente na família, que não permite que seus membros mantenham laços afetivos com seres socialmente inferiores.

No entanto, quando Dona Antônia cria uma falsa história, coloca em jogo a reputação de seu idolatrado marido. O que ela não esperava era descobrir a infidelidade dele. A posição tomada pela viúva é tão tradicionalista e patriarcal quanto o espaço

físico da narrativa. Para Gledson (2003, p. 61), “não devemos cometer o erro de supor que, com o fato de Dona Antônia ser tão intimamente associada à Casa Velha, Machado considerasse matriarcal, em qualquer sentido, a família que descreve”.

Gledson (1991, p. 64) aborda a questão da transposição do poder patriarcal para as mãos de uma mulher na obra machadiana, e afirma que em “*Casa Velha*, acima de tudo, é-nos mostrado como a família deve agir para manter sua ‘pureza’; pois, sob pressão real, o verdadeiro mecanismo do poder – a verdadeira ‘história’ – se revela”.

A aproximação entre espaço e personagem, recurso utilizado por Machado, é o que Lins (1976, p. 77) nomeia como ambientação:

Por *ambientação*, entenderíamos o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado *ambiente*. Para a aferição do espaço, levamos a nossa experiência do mundo; para ajuizar sobre ambientação, onde transparecem os recursos expressivos do autor, impõem-se um certo conhecimento da arte de narrar.

A relação entre Dona Antônia e a casa velha é impressa na narrativa como um espaço que influencia o desenvolvimento da personagem e de suas ações. A esse respeito, Mantovani (2009, p. 32) utiliza os estudos de Lins e afirma que a ambientação surge como uma divisão do ambiente e irá: “1. influenciar a personagem a transformar ‘em atos a pressão sobre ela exercida pelo espaço’ (apud LINS, 1976, p. 100); neste caso o espaço propicia e provoca a ação; 2. contribuir para caracterizar a personagem; e 3. situar e enriquecer a ação”.

Considerada a formulação de Lins (1976), encontram-se três diferentes formas de ambientação propostas pelo autor: franca, dissimulada (ou oblíqua) e reflexa. A que se percebe em “Casa Velha” é a ambientação franca, pois, de acordo com o teórico, “se distingue pela introdução pura e simples do narrador. Não falta sequer, para melhor caracterizá-la, o discurso avaliatório, evidente desde a abertura do capítulo [...]. Reforça a franqueza do processo o perfil cultural do escritor” (LINS, 1976, p. 79).

Ainda em relação à mãe de Félix, nota-se que ela “era antes baixa que alta, magra, muito bem composta, vestida com singeleza e austeridade; devia ter quarenta e seis a quarenta e oito anos”. (ASSIS, 2008, p. 81). A maneira austera de se vestir de Dona Antônia está ligada ao sistema conservador de sua morada. Para Lins (1976, p. 98), o espaço que exerce influência sobre a personagem é o espaço caracterizador que

“é em geral restrito – um quarto, uma casa –, refletindo, na escolha dos objetos, na maneira de os dispor e conservar o modo de ser da personagem”. O autor afirma ainda que “se há o espaço que nos fala sobre a personagem, há também o que lhe fala, o que a influencia. Sua função caracterizadora é quase sempre limitada e a influência que exerce restringe-se por vezes ao psicológico [...]”. (LINS, 1976, p. 99).

Conclui-se, pelo percurso de leitura feito, que o espaço físico exerce uma importante relação com os elementos da obra, desde sua ligação com a personagem Dona Antônia até a capacidade de influir no desfecho da narrativa. A casa velha tem um papel fundamental na narrativa e na configuração do aspecto subjetivo de cada personagem que transita pelo espaço, impondo mudanças de atitudes ou decisões que incidem no movimento da narrativa tensa e cheia de armadilhas como os corredores e as inúmeras entradas e saídas da casa velha.

## Referências

- ASSIS, Machado. *O Alienista / Casa Velha*. Editora Martin Claret. São Paulo, 2008.
- BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. In: *Os Pensadores*. Tradução de Joaquim José Moura Ramos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BRAIT, Beth. *A Personagem*. 7ª edição. São Paulo – SP: Editora Ática, 2004.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de Símbolos*. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Editora Moraes LTDA, 1984.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo*. Tradução de Fernando Py. – São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Machado de Assis: Ficção e História*. Tradução de Sônia Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O Foco Narrativo*. 10ª edição. Editora Ática: São Paulo – SP, 2004.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

MANTOVANI, Antonio Aparecido. *Espaço em Ruínas: meio social, conflito familiar e a casa em ruínas em Os dois irmãos de Germano Almeida e Dois Irmãos de Milton Hatoum*. 2009. 179 f. Tese (Doutorado) FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: Estudo crítico e biográfico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

SANTOS, Luzia A. Oliva dos. *Literatura / História: O (re) encontro com o mito*. Cáceres: Editora Unemat, 2005.

SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 5ª. ed., São Paulo: Duas Cidades, 2000.

RONCARI, Luis. *Lúcia/Miguel: romance e crítica*. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/7184/5182>  
Acesso em: 05 de maio de 2011, às 13:14h.

## SPACE REPRESENTATION IN “CASA VELHA”, BY MACHADO DE ASSIS

### ABSTRACT

This article aims to present a literary analysis of the short story "Casa Velha" by Machado de Assis. The main research focus is the space and its relationship with other elements that make up the work. We will present the relation between the casa velha and Dona Antonia character, who at times in the narrative, seems to be an extension of its own residence. It will be also exposed the link between fiction and History in this tale and how the author composed his patriarchal and traditionalistic society critique in Brazil's Empire period.

**Keywords:** “casa velha”, space, fiction and history and machado de assis.